

# A CARÊNCIA DE *CORPORA* PARA PESQUISA E ENSINO NO CONTEXTO DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL LUSÓFONA

## THE *CORPORA* DEFICIENCY FOR RESEARCH AND TEACHING IN THE CONTEXT OF THE LUSOPHONE INTERNATIONAL INTEGRATION

Cássio Florêncio Rubio\*, Cláudia Ramos Carioca\*\*

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo central tratar da necessidade de constituição de *corpora* de variedades faladas do português em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e no Timor-Leste. A carência evidencia-se de forma mais efetiva no contexto específico da integração internacional lusófona verificado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma instituição federal de caráter internacional que acolhe até cinquenta por cento de seus estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Os bancos de dados de língua falada não somente constituem uma ferramenta de pesquisa linguística, mas também importante material subsidiário para atividades de ensino em programas educacionais de formação de professores de língua portuguesa como primeira e como segunda língua (português para estrangeiros). Além disso, esse *corpus* proporcionaria a essa mesma clientela o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas, fato bastante enfatizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio.

**Palavras-chave:** linguística descritiva; português africano falado; *corpus*; integração internacional; lusofonia.

### ABSTRACT

*This article has the main objective address the need to establish corpora of spoken varieties of Portuguese in African Countries of Portuguese Official Language (PALOP) and East Timor. The*

\* Professor Adjunto III de língua portuguesa e linguística do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e coordenador da pesquisa “*Corpus* do português oral africano (*corpora*) – etapa 1 – Guiné-Bissau: constituição de um banco de dados da língua falada nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)”.

\*\* Professora Adjunta II de língua portuguesa e linguística do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e líder do grupo de pesquisa Interação e Diversidade Discursiva na Lusofonia (INTERLUSOFONIA).

*need is evidenced more effectively in the specific context of international integration Lusophone verified at the University of International Integration of African-Brazilian Lusophony (UNILAB), a federal institution of international character that welcomes up to fifty percent of their students from Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Sao Tome and Principe and East Timor. The spoken language databases not only constitute a linguistic research tool, but also important subsidiary material for teaching activities in educational training programs for Portuguese-speaking teachers as first and as a second language (Portuguese for foreigners). Moreover, this corpus would provide the same customers the knowledge and respect for linguistic varieties, indeed quite emphasized in the National Curriculum Standards for the teaching of Portuguese Language of Elementary and Secondary Education.*

**Keywords:** *descriptive linguistics; African Portuguese spoken; corpus; international integration; lusophony.*

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVAS

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como apontam as diretrizes básicas de sua criação, insere-se no contexto da internacionalização da educação superior e atende à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais com a capacidade de promover a cooperação sul-sul, com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. A perspectiva de atuação da instituição é de valorização e apoio ao potencial de colaboração e aprendizagem entre os países, com o esforço brasileiro crescente para a promoção da integração internacional.

A criação da UNILAB marca a abertura a territórios e comunidades lusófonas na Ásia, na Europa e, principalmente, na África, os quais adotam o português como língua oficial ou não. A concretização dessa proposta, desde a sua concepção, tem recebido grande apoio e reconhecimento da comunidade internacional, o que não minimiza os desafios em sua constituição física e formativa, principalmente se considerarmos as especificidades curriculares, que exigem ousadia, coragem e criatividade.

A instituição aponta, dentre seus objetivos gerais, a promoção, por meio do ensino, pesquisa e extensão de alto nível e em diálogo com uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, a formação técnica, científica e cultural dos cidadãos aptos a contribuir para a integração entre o Brasil e os membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), à qual acrescentamos ainda a integração entre o Brasil e as diversas comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo.

É importante destacar, entre os objetivos da instituição, o emprego de práticas docentes e acadêmicas que apontem para a integração, considerando a complexidade das características culturais, sociais e históricas de todos os países envolvidos.

Nos apontamentos específicos para a demanda de formação de professores da Educação Básica, destaca-se a prioridade de que esta se realize segundo princípios e em ambiente de respeito às diversidades (linguística, étnica, religiosa, de gênero etc.), ao pluriculturalismo e ao multilinguismo, e com vistas à promoção da arte e cultura dos países.

No âmbito da cooperação e integração, a UNILAB constitui espaço de reconhecimento das diferenças entre os povos e culturas e do respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural,

de gênero e linguística. Em função disso, são adotadas ações afirmativas que buscam não só o acesso à universidade, mas à contemplação dessas questões em todos os programas curriculares.

Se as demandas da instituição já apontam para a necessidade de consideração do contexto específico de inserção da Universidade junto aos PALOP, quando focalizamos as necessidades relacionadas mais especificamente ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, elencadas já em seu Projeto Político-Pedagógico de Curso (PPC), tem-se a clareza da importância da instituição como difusora da língua portuguesa, não apenas como língua de cultura, mas também como língua de ciência e de negócios. Nesse sentido, a língua constitui instrumento de afirmação estratégica. Mais do que isso, O PPC do Curso de Letras aponta para a necessidade de formação de profissionais especializados no ensino de português em contextos nos quais a língua portuguesa não é materna. Os saberes do profissional desta área, portanto, devem ultrapassar a simples reprodução de conhecimentos de Linguística e de Literatura, e sua formação deve estar voltada para a construção de uma cultura geral (multidisciplinar), sem perder o foco nos aspectos específicos da área.

O PPC do curso evoca ainda a importância da análise e discussão de aspectos socioculturais dos espaços lusófonos, com destaque para as atividades linguístico-literárias em tais contextos, a releitura dos desdobramentos da cultura afrodescendente, sob perspectiva da subversão e da inventividade linguística. Nesse contexto, o processo de difusão da língua portuguesa gera indagações quanto à apropriação de um modelo frente aos entremeios das outras línguas na África e no Brasil (PESSOA DE CASTRO, 2003).

Na tentativa de pensar a formação do aluno, de modo a levá-lo a compreender seu espaço e os produtos culturais ali vinculados, com um entrecruzamento de saberes que possam fornecer explicações plausíveis para uma série de questões da língua e da literatura, a criação de núcleos de estudos e grupos de pesquisa se justifica para contemplar as trocas e as mudanças de perspectivas. Isto permite um olhar crítico na história literária e nos estudos sociolinguísticos da região onde a UNILAB está inserida e dos parceiros da CPLP, além de possibilitar o conhecimento de um repertório de obras escritas e de variedades orais, que se encontram ainda difusas e/ou esquecidas.

Tendo sido concebida sob os princípios ora apresentados, inclusive com um Curso de Letras que apresenta as peculiaridades enunciadas em seu PPC e vivenciadas nas práticas diárias de ensino, pesquisa e extensão, a UNILAB apresenta hoje, em seu quadro discente, mais de 2500 estudantes, 805 estrangeiros: 72 de Angola, 88 de Cabo Verde, 471 de Guiné-Bissau, 26 de Moçambique, 78 de São Tomé e Príncipe e 70 do Timor-Leste.<sup>1</sup> Destaque-se que esse elevado número de estrangeiros ainda é inferior ao proposto nas diretrizes da Instituição, que espera chegar, até o ano de 2020, ao patamar de 50% de estrangeiros em seu quadro de estudantes, de um universo de 5000.

A UNILAB é hoje a segunda maior instituição federal brasileira em número de estudantes estrangeiros, superada apenas pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Se considerada a origem dos estudantes, a instituição supera o número de todas as outras instituições federais em oriundos de países do continente africano.<sup>2</sup>

O Curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB, como seus demais cursos, também apresenta um total bastante expressivo de estrangeiros, com 87 de um total de 319 estudantes regularmente matriculados, dos quais, 71 são de Guiné-Bissau, 6 de Angola, 5 de Cabo Verde, 4 de São Tomé e Príncipe e 1 de Moçambique.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Dados fornecidos pela Diretoria de Registro Acadêmico (DRCA) em novembro/2016.

<sup>2</sup> Conforme censo apresentado na última reunião do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), realizada em Recife, no ano de 2015.

<sup>3</sup> Dados fornecidos pela Diretoria de Registro Acadêmico (DRCA) em novembro/2016.

No currículo ofertado aos discentes do Curso de Letras-Língua Portuguesa, estrangeiros e brasileiros, as ementas de disciplinas relacionadas aos estudos linguísticos apresentam a clara necessidade de consideração de estudos de todas as variedades lusófonas, incluindo, obviamente, as variedades dos PALOP. Todavia, o que se propõe nas ementas não se pode concretizar efetivamente nas práticas docentes e também no referencial teórico, a considerar que os estudos linguísticos decorrentes de amostras das variedades lusófonas no continente africano são praticamente inexistentes e, quando encontrados, apresentam-se fragmentados ou incompletos, pela deficiência de bancos de dados compostos com rigor metodológico, estratificação social e geográfica.<sup>4</sup>

Quando analisamos as referências bibliográficas presentes no conjunto de disciplinas relacionadas aos estudos linguísticos, é possível constatar o forte predomínio ou, em alguns casos, a totalidade de autores brasileiros, cujos estudos também são voltados para variedades do português brasileiro e alguns, para o português de Portugal, o que aponta a importância da formação de futuros quadros de docentes/pesquisadores nos PALOP, como propõem as diretrizes da UNILAB, e, mais do que isso, de que esses futuros docentes/pesquisadores possam travar contato, desde sua formação inicial, com a realidade com a qual irão se deparar em seus países.

## 2 O CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL ATUAL DA UNILAB

Apesar de todos os desafios enfrentados, a UNILAB, após cinco anos de efetivo funcionamento, já apresenta destaque internacional, representando o Brasil em importantes órgãos internacionais ligados à valorização e difusão da lusofonia, como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Ademais, cabe destaque às importantes parcerias firmadas oficialmente com Instituições de Educação e Ensino Superior no exterior, principalmente, com países membros da CPLP, foco maior de atuação. Abaixo listam-se as principais instituições e seus respectivos países:

Quadro 1 – Instituições dos países da CPLP com acordo de cooperação oficial vigente com a UNILAB

País	Instituição
Angola	Universidade 11 de Novembro Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda Universidade Agostinho Neto Universidade Kimpa Vita

4 Os únicos *corpora* de variedades do português falado em África dos quais se tem notícia pertencem ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e ao Projeto PROFALA, sediado na Universidade Federal do Ceará. Na Universidade de Lisboa, há dois *corpora*, o Córpus de Referência do Português Fundamental, datado do final do século XX (décadas de 1970, 1980 e 1990), apresentando apenas de 5 a 10 entrevistas por país (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), com duração de menos de 10 minutos cada; e um *cópus* de variedades africanas, coletado pelo projeto VAPOR (Variedades do Português Africano), ainda inconcluso, contando, até o momento, com amostras gravadas de 4 países. O *corpus* do grupo de pesquisa PROFALA, coordenado pela Profa. Dra. Maria Elias Soares, conta com gravações e transcrições de aproximadamente 20 informantes de cada um dos países lusófonos do continente africano e também de Timor-Leste. Trata-se de iniciativa inédita que proporcionou maior conhecimento sobre variedades africanas de língua portuguesa falada, entretanto apresenta restrição em relação à estratificação social, haja vista ter contado apenas com amostras de estudantes dos PALOP residentes no Brasil. Para maiores informações sobre pesquisas do CLUL, consultar <<http://www.clul.ul.pt>>; para informações sobre o PROFALA, <<http://www.profala.ufc.br>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

*(continuação Quadro 1)*

Cabo verde	Instituto Internacional de Língua Portuguesa Instituto Universitário de Educação Universidade do Cabo Verde
Moçambique	Universidade do Lúrio Universidade Politécnica Universidade Pedagógica
Portugal	Universidade de Coimbra Instituto Universitário de Lisboa Universidade de Aveiro Universidade de Évora Universidade de Lisboa Instituto Politécnico de Coimbra
São Tomé e Príncipe	Ministério da Educação, Cultura e Formação de São Tomé e Príncipe

Fonte: Pró-Reitoria de Relações Institucionais da UNILAB.

Como podemos observar, já são 17 as instituições com as quais a UNILAB possui acordo oficial de cooperação para mobilidade docente e discente, para pesquisa e extensão. Some-se a essas parcerias o contato direto com as embaixadas brasileiras, mediado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), em Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, o que permite à UNILAB a elaboração de seu próprio processo seletivo de estudantes, que ocorre em cada um dos países parceiros.<sup>5</sup> Ao longo desses cinco anos, já foram realizados seis processos seletivos, contando, o último deles, com mais de três mil candidatos, dois mil deles de Guiné-Bissau. Cabe destaque ao papel dos docentes vinculados ao Curso de Letras – Língua Portuguesa na preparação e avaliação das redações do certame, o que demanda inserção na contextualização da realidade local, ratificando a importância de quaisquer *corpora* que possam propiciar à comunidade acadêmica o conhecimento das realidades linguísticas, sociais e históricas de cada um dos países parceiros.<sup>6</sup>

A caracterização linguística particular de cada país, anteriormente mencionada, é outro ponto fundamental a ser considerado para o estudo das variedades de língua portuguesa presentes no continente africano, o que impõe ao pesquisador o conhecimento prévio de realidades nas quais, por vezes, o português não é adquirido como primeira língua, uma realidade encontrada, por exemplo, em Guiné-Bissau. No país, o português, frequentemente, é adquirido como segunda ou terceira língua, cabendo à língua guineense (popularmente chamada de crioulo ou *kriol* de Guiné-Bissau) o rótulo de língua nativa, junto a uma dezena de outras línguas étnicas, para mais detalhes, consultar (BAXTER, 1990, 1995; CHARPENTIER, 1992; PEREIRA, 1992).<sup>7</sup> A título de ilustração

<sup>5</sup> Em Guiné-Bissau, a considerar a instabilidade política momentânea, não há parceria oficial com nenhuma Instituição, entretanto os esforços empreendidos pela Rede de Instituições Públicas de Ensino Superior (RIPES), sediada na Pró-Reitoria de Relações Institucionais da UNILAB, já tem colhido bons frutos, com a participação de membros do Ministério da Educação guineense e de instituições privadas de Ensino Superior nas últimas reuniões, ocorridas na sede da CPLP, em Portugal, conforme aponta relatório disponível em: <http://www.ripes.unilab.edu.br/>. Acesso em 20/06/2016.

<sup>6</sup> O processo conta com prova específica de redação para cada um dos países, levando-se em conta as peculiaridades da estrutura curricular local. Em 2014, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) realizou consultoria em todas as etapas do processo seletivo para estrangeiros da UNILAB (SELEST – Sistema de Seleção de Estrangeiros), referendando todas as práticas, sem propostas de alteração contundentes.

<sup>7</sup> A literatura mais recente, sobretudo de autores do continente africano, não apresenta mais o rótulo genérico “crioulo” para as línguas originadas de uma base portuguesa com elementos de diversas outras línguas de origem africana. Tem-se optado pela caracterização mais específica (guineense, cabo-verdiano, são-tomeense), com a qual concordamos em sua plenitude, haja vista essas línguas se caracterizarem como não intercompreensíveis e, por consequência, línguas diferentes e não variedades da mesma língua.

da realidade a ser encontrada, apresentamos abaixo pesquisa realizada com 20 estudantes da UNILAB oriundos do país, todos do Curso de Letras – Língua Portuguesa.<sup>8</sup>

O perfil linguístico dos 20 estudantes demonstrou-se do seguinte modo: a) nenhum possui o português como primeira língua (língua materna); b) possuem como língua materna, respectivamente: guineense (crioulo ou *kriol*) – 8, pepel (ou papel) – 6, balanta – 2, beafada – 1, manjaca – 1, mancanha – 1, mandinga – 1; c) 16 são trilingües, possuindo o guineense, uma língua étnica e o português; e d) 4 possuem somente o guineense e o português.

Se a realidade em Guiné-Bissau, como vimos, é de multilinguismo e de forte presença de um crioulo, junto da língua portuguesa, a qual, via de regra, é assimilada nos primeiros anos de escolaridade, em outros países nem sempre isso se verifica. Em Angola, por exemplo, a língua portuguesa é nativa de aproximadamente 40% da população, sendo falada por mais de 71% dos angolanos (aproximadamente, 18 milhões de pessoas), conforme aponta o Censo de 2014 do Instituto Nacional de Estatística de Angola.<sup>9</sup> Dessa forma, embora, em Angola, também haja a presença de outras línguas, não se verifica a ocorrência de um crioulo e observa-se o domínio do português como língua materna e língua mais falada no país. A discussão trazida à baila não tem o propósito de contextualizar a realidade linguística característica de cada um dos PALOP, o que irá se realizar, necessariamente, com a composição de um banco de dados desses países. Longe disso, propõe-se, neste momento, apenas um levantamento prévio dos desafios que se impõem à composição desse banco de dados e das peculiaridades que deverão ser consideradas na fase de planejamento das ações e estratégias que irão ocorrer em campo, em cada um dos países.

### 3 A CARÊNCIA DE NOVOS CORPORA NO CONTEXTO DA INTEGRAÇÃO LUSÓFONA

Com o intuito de comprovar a necessidade de disponibilização de um *corpus* das variedades de língua portuguesa dos PALOP, propusemos uma pesquisa com a participação de docentes do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB, que atuam nas mais variadas vertentes dos estudos linguísticos e também dos estudos literários (modelo no Anexo 1).<sup>10</sup> Foram respondidos 22 questionários e os resultados apresentam-se sintetizados na tabela que segue, com questões e percentuais de respostas para cada uma delas.

Tabela 1 – Síntese das respostas de docentes do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB quanto ao conhecimento e disponibilidade de corpora e de estudos sobre variedades da língua portuguesa nos PALOP

Questões	Respostas	Nº de Docentes/percentual
1.a. Você tem conhecimento de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português africano?	Sim Não	18 / 81,8% 4 / 18,2%

<sup>8</sup> Infelizmente ainda há pouca informação oficial sobre a realidade linguística, e até mesmo social, da Guiné-Bissau, uma vez que o país tem sofrido constantes mudanças na estrutura de governo, prejudicando a atuação de seus ministérios e do poder público. Uma pesquisa que tenta demonstrar o contexto linguístico de Guiné-Bissau é a de Carioca (2015).

<sup>9</sup> Dados coletados em 27/06/2016, no site: <<http://observalinguaportuguesa.org/angola-portugues-e-falado-por-7115-de-angolanos/>>.

<sup>10</sup> Apesar de o foco inicial do questionário recair sobre os docentes de Letras dedicados aos estudos linguísticos, após a apresentação da proposta de constituição do *corpus* em reunião do colegiado de curso, houve disponibilidade de participação por parte de docentes que se dedicam aos estudos literários.

(Continuação Tabela 1)

1.b. Se você respondeu SIM, assinale com um X a disponibilidade dos estudos linguísticos e pesquisas do português africano em sua área de atuação:	Muito escassos Escassos Quantidade Satisfatória Disponíveis Muito disponíveis	16 / 88,8% 2 / 11,2% - - -
2. a. Você tem conhecimento de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português da Guiné-Bissau?	Sim Não	9 / 41% 13 / 59%
2. b. Se você respondeu SIM, assinale com um X a disponibilidade de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português da Guiné-Bissau:	Muito escassos Escassos Quantidade Satisfatória Disponíveis Muito disponíveis	9 / 100% - - - -
3.a. Você tem conhecimento de algum <i>corpus</i> oral de variedades do português africano?	Sim Não	11 / 50% 11 / 50%
3. b. Se você respondeu SIM, assinale com um X o quanto o <i>corpus</i> oral sobre variedades do português africano contempla suas necessidades de pesquisa na UNILAB:	Não contempla Contempla parcialmente Contempla satisfatoriamente Contempla plenamente	9 / 82% 2 / 18% - -
4.a. Você tem conhecimento de algum <i>corpus</i> oral de variedades do português de Guiné-Bissau?	Sim Não	2 / 9% 20 / 91%
4.b. Se você respondeu SIM, assinale com um X o quanto o <i>corpus</i> oral sobre variedades do português de Guiné-Bissau contempla suas necessidades de pesquisa na UNILAB:	Não contempla Contempla parcialmente Contempla satisfatoriamente Contempla plenamente	1 / 50% 1 / 50% - -
5. Assinale abaixo qual a necessidade, na sua opinião, de um <i>corpus</i> oral de língua portuguesa dos países lusófonos africanos para a sua docência e para pesquisas futuras na UNILAB:	Totalmente desnecessário Parcialmente necessário Necessário Extremamente necessário	- - 2 / 9% 20 / 91%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como podemos observar, as pesquisas e estudos das variedades de língua portuguesa dos PALOP são apontados pelos docentes como muito escassos (88,8%) ou escassos (11,2%). Quando consideramos as variedades de Guiné-Bissau, foco desta etapa do projeto, os docentes que têm algum conhecimento sobre pesquisas no país apontaram-nas como muito escassas. Da mesma forma, quando as questões recaem sobre a disponibilidade de bancos de dados ou de quaisquer *corpora* de língua portuguesa oral nos PALOP, dos 11 (50% do total) que apontaram ter conhecimento de amostras, 82% admitiram que elas não contemplam suas necessidades de pesquisa. Para Guiné-Bissau, as frequências apresentadas revelam que 91% dos docentes não têm qualquer acesso a amostras do país. Quando considerados os resultados percentuais relacionados à última questão (5), fica clara a opinião dos docentes em relação às necessidades do Curso de Letras da instituição, haja vista que 91% apontam como extremamente necessária a disponibilidade de um *corpus* oral dos PALOP para a docência e a pesquisa.

Elaboramos também uma pesquisa junto aos discentes estrangeiros do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB, a fim de verificar o quanto suas variedades linguísticas do português são contempladas em sala de aula ou em atividades de pesquisa e, ainda, qual seria o acesso desses

estudantes a estudos, pesquisas e *corpora* de variedades dos PALOP (modelo no Anexo 1). Um total de 42 estudantes respondeu ao questionário e os resultados apresentam-se compilados na tabela que segue.<sup>11</sup>

Tabela 2 – Síntese das respostas de discentes estrangeiros do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB relacionadas ao tratamento das variedades da língua portuguesa dos PALOP em disciplinas no curso

Questões	Respostas	Nº de Discentes/percentual
1. De um modo geral, o conteúdo proposto nas disciplinas do Curso de Letras contempla a sua variedade de língua portuguesa?	Não contempla	34/81%
	Contempla parcialmente	7/16,5%
	Contempla satisfatoriamente	1/ 2,5%
	Contempla plenamente	-
2. De um modo geral, os professores possuem conhecimento das características da língua falada em seu país?	Pouco	32/76%
	Razoável	8/19%
	Muito	2/5%
	Total	-
3. Com que frequência você tem dificuldade para encontrar pesquisas linguísticas que tratem da língua portuguesa em seu país?	Sempre	27/64%
	Quase sempre	10/24%
	Quase nunca	4/9,5%
	Nunca	1/2,5%
4. Nas atividades de pesquisa (grupos de pesquisa, iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, pós-graduação), você gostaria de trabalhar com a variedade linguística de sua comunidade, região ou país?	Com certeza	34/81%
	Muito provável	6/14%
	Talvez	1/2,5%
	Não	1/2,5%
5. Há possibilidade de isso acontecer na instituição atualmente?	Nenhuma	7/16,5%
	Pouca	31/74%
	Muita	3/7%
	Total	1/2,5%
6. Um <i>corpus</i> com a língua falada em seu país, na sua opinião, teria qual importância para a sua formação?	Nenhuma	-
	Pouca	-
	Muita	11/26%
	Fundamental	31/74%
7. Você teria interesse em colaborar, de alguma forma (indicação de informantes, contato com informantes etc.), para a composição de um <i>corpus</i> da língua falada em seu país?	Não	-
	Talvez	2/5%
	Muito provavelmente	17/40,5%
	Com certeza	23/54,5%

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com os dados da Tabela 2, a grande maioria dos estudantes estrangeiros (81%) aponta não ter sua variedade contemplada nas disciplinas do Curso de Letras, ou ter sua variedade contemplada apenas parcialmente (16,5%). Quando questionados sobre o conhecimento dos professores a respeito das características de suas variedades linguísticas, grande parte dos estudantes estrangeiros assinala *pouco* (76%) ou *razoável* (19%) conhecimento.

Quando as questões recaem sobre a disponibilidade de pesquisas linguísticas de variedades dos países de onde advêm esses estudantes, todos do continente africano, verifica-se que as dificuldades no acesso são relatadas como frequentes ou muito frequentes (24% quase sempre têm dificuldade e 64% sempre têm dificuldade). Os estudantes apontam ainda em suas respostas que gostariam de trabalhar com suas variedades em atividades de pesquisa (81%, *com certeza*, 14%, *muito provavelmente*). Entretanto, apesar do desejo de contemplar a própria variedade linguística

<sup>11</sup> Para aplicação dos questionários, contamos com a contribuição do estudante de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa Imelson Ntchala Cá, da Guiné-Bissau.

em atividades de pesquisa, a quase totalidade dos estudantes respondeu que haveria pouca ou nenhuma possibilidade de isso acontecer atualmente na instituição (16,5%, *nenhuma possibilidade*, e 74%, *pouca possibilidade*). Quando perguntados sobre a importância de haver um *corpus* com a língua falada de seu país na instituição, 100% dos estudantes apontaram-no como muito importante ou de fundamental importância para sua formação. Verifica-se, inclusive, na última questão, a disponibilidade da quase totalidade dos estudantes participantes de contribuir com a constituição de um *corpus*, apontando boas perspectivas junto à comunidade acadêmica.

Não obstante as necessidades apresentadas relacionadas às atividades docentes e discentes, ou seja, às atividades relacionadas ao Curso de Graduação em Letras, some-se a crescente demanda de pesquisa dos docentes ligados ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, principalmente os que se filiam aos estudos linguísticos, em suas mais variadas vertentes, um total de 19 docentes efetivos até o momento.

Os Grupos de Pesquisa que buscam se consolidar, todos com base nas diretrizes da instituição, as quais preconizam o trabalho com a lusofonia, principalmente em África, ainda encontram dificuldades na consecução de seus objetivos, por não disporem de amostras de fala, ou mesmo de amostras da modalidade escrita, que possam servir de material para o estudo linguístico em África. Do fortalecimento e consolidação desses grupos encontra-se dependente, por sua vez, a criação de um programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, que apresente, como todos os cursos de graduação da UNILAB, suas ações voltadas para práticas de integração entre os países parceiros, com foco na lusofonia no Brasil, na Europa, na Ásia e, principalmente, na África. Esse programa de pós-graduação, longe de constituir mera reprodução de programas já consolidados em outras universidades brasileiras, respeitando-se a qualidade indiscutível destes, propõe-se também à formação de quadros para atuação em contextos diferentes do brasileiro, nos quais as variedades de língua portuguesa “convivem” com inúmeras outras línguas. Nesse contexto, por vezes, o português é adquirido como segunda língua e a estrutura curricular do ensino básico é (ou deveria ser) muito diferente da brasileira.

Somando-se às justificativas anteriormente apresentadas, é importante acrescentar a necessidade premente, nos PALOP, da disponibilização de materiais didáticos contextualizados à realidade de cada país, pois, até o momento, o ensino de língua portuguesa recorre a materiais didáticos de Portugal e do Brasil, descontextualizados ou “adaptados” ao contexto africano (considerado único em todo o continente). Esses materiais são elaborados para o ensino de língua portuguesa a falantes nativos do português, uma realidade predominante no Brasil e em Portugal, e não a “aprendentes” da língua portuguesa como língua adicional ou língua segunda.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSIÇÕES FUTURAS

Com base nas considerações expostas concernentes (i) ao contexto em que a Universidade está inserida, com presença efetiva de estudantes de todos os países da CPLP, principalmente os países africanos de língua portuguesa; (ii) à escassez de subsídios relacionados ao tratamento de variedades lusófonas africanas, necessários a práticas docentes e discentes de ensino e de pesquisa; e (iii) à necessidade de consolidação de grupos de pesquisa e, por consequência, de um Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem condizente com a realidade em que a instituição está inserida, é que apontamos a real necessidade da composição de novos bancos de dados de língua falada dos PALOP.

Os estudos decorrentes da composição desses *corpora*, além de se apresentarem como precursores, proporcionariam, como já aludido, o conhecimento das características da língua portuguesa

falada nesses países africanos, o que permitiria, sobretudo, a realização de estudos comparativos entre variedades europeias, brasileiras e africanas, retomando/reacendendo importantes discussões a respeito das teses de origem das variedades do português, principalmente do português brasileiro (para mais detalhes a respeito das diferentes teses, v. SILVA NETO, 1950; GUY, 1981; CÂMARA JÚNIOR, 1957; BAXTER; LUCCHESI, 1997, 1999; NARO; SCHERRE, 2007; GALVES, 2008; e, mais recentemente, BAGNO, 2016).

A inspiração para projetos como o que aventamos parte do reconhecimento das ações de importantes grupos de pesquisa do Brasil, hoje já bem estruturados, que contaram, em sua origem, com a composição de bancos de dados de língua falada para iniciarem suas atividades, um recurso de fundamental importância para a caracterização e a consolidação de um núcleo consistente de investigação.<sup>12</sup> Como já mencionado, o compromisso teórico das pesquisas que vimos desenvolvendo nos tem feito lançar mão de amostras de falas já sistematizadas, definidas a partir de objetivos pré-estabelecidos, dados os interesses dos grupos que as detêm, quase sempre de variedades do português brasileiro ou de Portugal. Assim é que a diversidade de *corpora* hoje utilizada pelos docentes em suas pesquisas representa um obstáculo a ser superado, desejo que, muitas vezes, leva seus integrantes a despenderem tempo, energia e recursos na montagem de amostras que venham a atender interesses de pesquisa mais específicos.

Há de se destacar ainda o emprego, nas práticas docentes de estudos representativos de variedades das grandes metrópoles do Brasil (SILVA, 1996; CASTILHO, 1990; PRETI, URBANO, 1986; CASTILHO; PRETI, 1986, 1987; VOTRE; OLIVEIRA, 1995, MENDES, 2011, 2012), de um estrato com elevado nível de escolaridade, não representativo da população do estado do Ceará e muito menos das populações dos PALOP. As variedades africanas quase sempre se apresentam esparsas, generalizadas em suas características, tendo sempre papel coadjuvante e pouco representativo.

Outra razão refere-se à validade sincrônica de grande parte das amostras disponíveis, as quais já contam com aproximadamente 30 anos (é o caso, por exemplo, das amostras de fala do *Cópus de Referência do Português Fundamental*, que datam da década de 1970, 1980 e 1990).

A iniciativa de elaboração de um *corpus* marca também, para algumas variedades, como a do português guineense, ineditismo, uma vez que não há, até onde sabemos, banco de dados organizado e estratificado socialmente com amostras do português falado na Guiné-Bissau, a principal origem dos estudantes da UNILAB.<sup>13</sup>

Embora essa tarefa possa ser inspirada em projetos de grupos de pesquisas já consolidados, devemos deixar claro que não é prerrogativa de um banco de dados dos PALOP o interesse por algum fenômeno linguístico específico, marca característica das amostras desses grupos, que foram constituídas com a finalidade precípua de estudos de cunho variacionista (LIRA, 1987; SCHERRE, 1996) ou da iconicidade diagramática (VOTRE; OLIVEIRA, 1995). Por essa razão, esses projetos deverão apenas servir aos aspectos teórico-metodológicos. Na presente concepção, o banco de

<sup>12</sup> Citemos, a título de exemplificação, o grupo de pesquisadores do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), sediado na UFRJ (v. SCHERRE, 1996; SILVA, 1996; PAIVA, 1999), do VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do País), sediado na UFSC (v. LIRA, 1987), do “Gramática & Discurso”, também sediado na UFRJ (v. VOTRE; OLIVEIRA, 1995) e do PGP (Projeto da Gramática do Português falado), sediado na UNICAMP (v. CASTILHO, 1990; CASTILHO; PRETI, 1986), do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que, sediado na UNESP de São José do Rio Preto, conta com amostras de língua falada coletadas no interior do Estado de São Paulo (Banco de Dados Iboruna), e do Projeto “SP2010”, um banco de dados com amostras do português paulistano.

<sup>13</sup> Devemos fazer menção aqui aos *corpora* do CLUL (CRPF e VAPOR) e da Universidade Federal do Ceará (PROFALA), importantes precursores dos estudos do português africano, que, entretanto, como já apontado, não possuem amostras representativas de todos os países e/ou um número equivalente de entrevistas entre os PALOP.

dados consistiria em uma proposta mais ampla e mais aberta, guardando a preocupação de captar o máximo possível do dinamismo linguístico do português falado nos PALOP.

Especificamente, procurando conjugar as experiências bem-sucedidas de grupos sociofuncionalistas, postulamos então a constituição de um banco de dados anotado composto por amostras com controle rigoroso das variáveis sociais *sexo, escolaridade, faixa etária e região geográfica*, como proposto em Votre e Oliveira (1995) e, posteriormente, em Gonçalves (2007).<sup>14</sup> Acrescer-se-ia ao controle dessas variáveis estratificadas o controle de variáveis não estratificadas, como a variável *língua materna*, que, juntamente com a variável *etnia*, pode revelar influências diferentes das comumente verificadas no português brasileiro.

O banco de dados de língua falada nos PALOP faria parte dos *corpora* que se encontram em fase de construção, pertencentes ao Grupo de Pesquisas *Interlusofonia* (Grupo de Pesquisa Interação e Diversidade Discursiva na Lusofonia), que já abriga amostras dos PALOP e do Timor-Leste, principalmente da modalidade escrita da língua portuguesa. Já fazem parte dessas amostras as produções textuais advindas dos processos seletivos de estudantes estrangeiros, as quais serão digitalizadas e disponibilizadas no sítio eletrônico do Grupo.<sup>15</sup> Algumas amostras de língua falada também fazem parte do acervo do grupo, entretanto trata-se de entrevistas de estratos sociais específicos, a considerar que sua coleta foi feita com estudantes estrangeiros da UNILAB, todos com perfil praticamente homogêneo, de escolaridade superior incompleta, de idade entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos.<sup>16</sup> Esse é o motivo, inclusive, pelo qual não se propõe um banco de dados dos PALOP com os estudantes da UNILAB.

A proposta é que haja a disponibilização desse banco de dados em meio eletrônico, dos dados coletados, a exemplo de outros *corpora* já constituídos (*corpus* anotado do português histórico “Tycho Brahe”; *corpus* do projeto NURC/RJ; *Cópus de Referência do Português Fundamental/CLUL/Portugal*; Projeto ALIP/Banco de Dados Iboruna/SP, Projeto SP2010).<sup>17</sup>

Como já apontado, um banco de dados anotado não somente é essencial ferramenta de pesquisa linguística, mas também constitui importante material subsidiário para atividades de ensino e de pesquisa não necessariamente vinculadas aos interesses dos Grupos envolvidos em sua elaboração. Como exemplo, apontamos o emprego do material em programas educacionais de formação de professores de língua portuguesa como primeira e como segunda língua (português para estrangeiros), que muitas vezes se ressentem da carência de amostras de fala, principalmente dos PALOP, com as quais possam exemplificar fenômenos linguísticos com que trabalham em sala de aula, principalmente no que se refere às diferenças que marcam as variedades brasileiras e africanas, nem sempre de fácil apreensão por parte dos estudantes. Além disso, proporcionaria a essa mesma clientela o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas, fato bastante enfatizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, assim como viabilizaria políticas linguísticas relacionadas aos mais variados grupos linguísticos que fazem parte da comunidade lusófona.

<sup>14</sup> Um banco de dados anotado implica disponibilizar os arquivos sonoros acompanhados de suas respectivas transcrições ortográficas e outras notações pertinentes para o entendimento dos arquivos sonoros.

<sup>15</sup> Maiores informações em: <<http://interlusofonia.unilab.edu.br/>>.

<sup>16</sup> O Grupo de Pesquisas *Interlusofonia*, sediado na UNILAB e composto com pesquisadores da UNILAB e da Universidade Federal do Ceará, origina-se num contexto de integração profícuo ao debate saudável acerca das diversidades linguísticas que podem e devem se integrar num ambiente acadêmico. A UNILAB propicia esse nascimento, tendo em vista sua política de integração internacional e seu contexto multicultural.

<sup>17</sup> Ver fontes em: <<http://www.ime.usp.br/~tycho/cópus>>, <<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>, <<http://www.clul.ul.pt/>>, <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>>, <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/>>, respectivamente.

## 5 BIBLIOGRAFIA

- BAGNO, M. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 16, p. 19-31, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115266/112951>>. Acesso em: 2 dez. 2016.
- BAXTER, A. N. Notes on the creole portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 1-38, 1990.
- BAXTER, A. N. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, v. 14, p. 72-90, 1995.
- BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e literários*, Salvador, n. 19, p. 65-84, 1997.
- BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afrobrasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, K. (Org.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madri: Iberoamericana, 1999. p. 119-141.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. *Romitiches Jabrburg*, v. 8, n. 1, p. 279-286, 1957. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/abstract/j/roma.1957.8.issue-1/roja-1957-0142/roja-1957-0142.xml>>. Acesso em: 2 dez. 2016.
- CARIOCA, C. R. A Evidencialidade na fala dos guineenses focalizando as dificuldades da comunicação em língua portuguesa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 131-147, mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982015000100131](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000100131)>. Acesso em: 2 dez. 2013.
- CASTILHO, A. T. de. Português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC/BR. In: PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: estudos*. São Paulo: FAPESP/TAQ, 1990. v. 4.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: elocuições formais*. São Paulo: FAPESP/TAQ, 1986. v. 1.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: FAPESP/TAQ, 1987. v. 2.
- CHARPENTIER, J. M. La Survivance du créole portugais makaísta in extrême orient. In: ANDRADE, E. KHIM, A. (Org.). *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992. p. 81-95.
- GALVES, C. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. *Gragoatá*, Niterói, v. 13, n. 24, p. 145-164, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/wvhQ3>>. Acesso em: 2 dez. 2016.
- GRAMÁTICA do português falado. Campinas: Unicamp/Fapesp. [199?]. (v. 1; v. 2; v. 3; v. 4; v. 5; v. 6; v. 7; v. 8).

GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico, parcial III apresentado à Fapesp, 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=40>>. Acesso em: 4 maio 2017.

GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra linguística do interior paulista). *Gragoatá*, Niterói, v. 25, p.12-28, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/wvhTC>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

GUY, G. R. *Linguistic variantion in brasilian portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. 1981. Dissertation (Ph. D) – University of Pennsylvania, Pennsylvania. 1981. mimeografado.

LIRA, S. *A variação linguística urbana na região sul do país: censo*. Projeto de pesquisa. 1987. (apresentado ao CNPq).

MENDES, R. B. *SP2010: construção de uma amostra da fala paulistana*. Projeto regular apresentado à FAPESP (Processo FAPESP 2011/09278-6. 2011. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

MENDES, R. B. *Relatório científico final apresentado à FAPESP*. 2012. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

NUNES, J. H. *Dicionários brasileiros de língua portuguesa do século XX: história e análise*. Projeto de pesquisa. 2002. (Financiado pela FAPESP; proc. 0110281-0).

OLIVEIRA, D. P. de; ISQUERDO, A. N. A nova dialetologia: investigações e resultados. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 50-54.

PAIVA, M. da C. (Org.). *Amostras de fala do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PAIVA, M. da C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 135-146.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

PEREIRA, D. Crioulos de base portuguesa. In: FERRONHA A. L. et al. *Atlas da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Comissão Nacional para os Descobrimentos; União Latina, 1992. p. 120-125. Disponível em: <<http://migre.me/wvEwI>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

PESSOA DE CASTRO, Y. Redescobrimdo as línguas africanas. In: CHAVES, R.; SECCO, C.; MACEDO, T. (Org.). *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. Maputo: Imprensa Universitária, 2003.

PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: entrevistas*. São Paulo: FAPESP/TAQ, 1986. v. 3.

SCHERRE, M. M. P. Breve histórico do programa de estudos sobre o uso da língua. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-36.

SILVA, G. M. de O. e. Variáveis sociais e perfil do corpus Censo. In: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-81.

SILVA, G. M. de O. e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-134.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1950.

SILVA NETO, S. da. *A língua portuguesa no Brasil: problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1977.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. de. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1995.

## ANEXO 1

### MODELOS DE QUESTIONÁRIOS SUBMETIDOS AOS PROFESSORES E ESTUDANTES ESTRANGEIROS

#### Questionário 1 – Professores – Projeto CORPORA (Corpus Oral do Português Africano)

As questões que seguem visam à detecção da necessidade da constituição de um corpus de língua falada de variedades do português em países africanos. A identificação do docente não é obrigatória, entretanto contribui para a expressão da comprovação da importância coletiva do projeto diante das instâncias de fomento e superiores.

Docente:

1. Você tem conhecimento de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português africano?

SIM

NÃO

Se você respondeu **SIM**, assinale abaixo com um **X** a disponibilidade dos estudos linguísticos e pesquisas do português africano em sua área de atuação:

Muito escassos	Escassos	Quantidade satisfatória	Disponíveis	Muito disponíveis

2. Você tem conhecimento de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português da Guiné-Bissau?

SIM

NÃO

Se você respondeu **SIM**, assinale abaixo com um **X** a disponibilidade de pesquisas e estudos linguísticos sobre variedades do português da Guiné-Bissau:

Muito escassos	Escassos	Quantidade satisfatória	Disponíveis	Muito disponíveis

3. Você tem conhecimento de algum corpus oral de variedades do português africano?

SIM

NÃO

Se você respondeu **SIM**, assinale abaixo com um **X** o quanto o cópua oral sobre variedades do português africano contempla suas necessidades de pesquisa na Unilab:

Não contempla	Contempla parcialmente	Contempla satisfatoriamente	Contempla plenamente

4. Você tem conhecimento de algum cópua oral de variedades do português de Guiné-Bissau?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

Se você respondeu **SIM**, assinale abaixo com um **X** o quanto o cópua oral sobre variedades do português de Guiné-Bissau contempla suas necessidades de pesquisa na Unilab:

Não contempla	Contempla parcialmente	Contempla satisfatoriamente	Contempla plenamente

5. Assinale abaixo qual a necessidade, na sua opinião, de um cópua oral de língua portuguesa dos países lusófonos africanos para a sua docência e para pesquisas futuras na Unilab.

Totalmente desnecessário	Parcialmente necessário	Necessário	Extremamente necessário

## Questionário 2 – Estudantes de Letras – Língua Portuguesa (**Projeto CORPORA**)

As questões que seguem visam à detecção da necessidade da constituição de um corpus de língua falada de variedades do português em países africanos. A identificação do estudante não é obrigatória, entretanto contribui para a expressão da importância coletiva do projeto diante das instâncias de fomento e superiores. Em suas respostas, não identifique nominalmente disciplinas ou docentes específicos.

Nome do estudante: \_\_\_\_\_ país: \_\_\_\_\_  
e-mail: \_\_\_\_\_

1. De um modo geral, o conteúdo proposto nas disciplinas do Curso de Letras contempla a sua variedade de língua portuguesa?

<input type="checkbox"/>	Pouco	<input type="checkbox"/>	Razoavelmente	<input type="checkbox"/>	Muito	<input type="checkbox"/>	Totalmente
--------------------------	-------	--------------------------	---------------	--------------------------	-------	--------------------------	------------

2. De um modo geral, os professores possuem conhecimento das características da língua falada em seu país?

<input type="checkbox"/>	Pouco	<input type="checkbox"/>	Razoavelmente	<input type="checkbox"/>	Muito	<input type="checkbox"/>	Totalmente
--------------------------	-------	--------------------------	---------------	--------------------------	-------	--------------------------	------------

3. Com que frequência você tem dificuldade para encontrar pesquisas linguísticas que tratem da língua portuguesa em seu país?

<input type="checkbox"/>	Sempre	<input type="checkbox"/>	Quase sempre	<input type="checkbox"/>	Quase nunca	<input type="checkbox"/>	Nunca
--------------------------	--------	--------------------------	--------------	--------------------------	-------------	--------------------------	-------

4. Nas atividades de pesquisa (grupos de pesquisa, iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, pós-graduação), você gostaria de trabalhar com a variedade linguística de sua comunidade, região ou país?

<input type="checkbox"/>	Com certeza	<input type="checkbox"/>	Muito provável	<input type="checkbox"/>	Talvez	<input type="checkbox"/>	Não
--------------------------	-------------	--------------------------	----------------	--------------------------	--------	--------------------------	-----

5. Há possibilidade de isso acontecer na instituição atualmente?

<input type="checkbox"/>	Nenhuma	<input type="checkbox"/>	Pouca	<input type="checkbox"/>	Muita	<input type="checkbox"/>	Total
--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------	-------

6. Um corpus com a língua falada em seu país, na sua opinião, teria qual importância para a sua formação?

<input type="checkbox"/>	Nenhuma	<input type="checkbox"/>	Pouca	<input type="checkbox"/>	Muita	<input type="checkbox"/>	Fundamental
--------------------------	---------	--------------------------	-------	--------------------------	-------	--------------------------	-------------

7. Você teria interesse em colaborar, de alguma forma (indicação de informantes, contato com informantes etc.), para a composição de um corpus da língua falada em seu país?

<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>	Talvez	<input type="checkbox"/>	Muito provavelmente	<input type="checkbox"/>	Com certeza
--------------------------	-----	--------------------------	--------	--------------------------	---------------------	--------------------------	-------------